



---

## Prova Escrita de História A

---

12.º Ano de Escolaridade

---

**Prova 623/Época Especial**

8 Páginas

---

Duração da Prova: 120 minutos. Tolerância: 30 minutos.

---

**2013**

---

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta indelével, azul ou preta.

Não é permitido o uso de corretor. Em caso de engano, deve riscar de forma inequívoca aquilo que pretende que não seja classificado.

Escreva de forma legível a numeração dos grupos e dos itens, bem como as respetivas respostas. As respostas ilegíveis ou que não possam ser claramente identificadas são classificadas com zero pontos.

Para cada item, apresente apenas uma resposta. Se apresentar mais do que uma resposta a um mesmo item, apenas é classificada a resposta apresentada em primeiro lugar.

As cotações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

---

## GRUPO I

### PORTUGAL NO PRIMEIRO PÓS-GUERRA: TRANSFORMAÇÕES POLÍTICAS, ECONÓMICAS, SOCIAIS E CULTURAIS

---

Este grupo baseia-se na análise dos seguintes documentos:

Doc. 1 – *Cena de guerra* – pintura de Cristiano Cruz (1916-1918)

Doc. 2 – Carta de André Brun a João Chagas (1923)

---

#### Documento 1

##### ***Cena de guerra* – pintura de Cristiano Cruz<sup>1</sup> (1916-1918)**



<sup>1</sup> Cristiano Cruz (1892-1951) – pintor e caricaturista; participou na Primeira Guerra Mundial.

#### Documento 2

##### **Carta de André Brun<sup>2</sup> a João Chagas<sup>3</sup> (1923)**

Lisboa, 10 de setembro de 1923

Meu querido amigo:

[...] Calculo que esta carta o vai encontrar em plenos preparativos de regresso a esta Pátria, bem-amada apesar de tudo. [...]

Nós, os seus amigos, carecemos da sua presença e apenas rezeamos que a nossa terra, onde tudo vai faltando, cada vez mais, não o receba como o seu coração decerto o espera.

[...] Sei que foi a Genebra, à Sociedade das Nações. Que trapalhada que está esta Europa com os Rhures, os Mussolines, os ingleses e o marco alemão!

Por aqui chegámos a uma admirável situação: não há Governo. Cada um faz o que lhe apetece. A primeira coisa que se faz em face de qualquer medida de governação é declará-la inexecutável e idiota. Passados dias, ou se põe de parte oficialmente a medida ou, o que é mais fácil ainda, não se cumpre. Em resumo: a nossa crise é de estupidez por parte de quem governa e de velhacaria por parte de quem lucra com governos assim.

<sup>2</sup> André Brun (1881-1926) – militar e escritor; participou na Primeira Guerra Mundial.

<sup>3</sup> João Chagas (1863-1925) – jornalista, diplomata, político e chefe do governo de 03/09/1911 a 12/11/1911.

1. Identifique três das características da pintura modernista presentes no documento 1.
2. Explícite, com base nos documentos 1 e 2, três dos problemas que contribuíram para a falência da Primeira República.

---

#### Identificação das fontes

Doc. 1 – In Pedro Lapa e Emília Tavares, *Arte Portuguesa do Século XX – 1910-1960*, Museu do Chiado (org.), Lisboa, Ed. Dom Quixote, 2011

Doc. 2 – In *Correspondência Literária e Política com João Chagas* – III volume, Lisboa, Editorial Notícias, 1958 (adaptado)

## GRUPO II

### O MODELO SOVIÉTICO: DE ESTALINE A BREJNEV

Este grupo baseia-se na análise dos seguintes documentos:

Doc. 1 – *Os gigantes do plano quinquenal* – cartaz de propaganda (1933)

Doc. 2 – A Guerra Fria, segundo G. Malenkov (1953)

Doc. 3 – A Guerra Fria, segundo K. Adenauer (1953)

Doc. 4 – Crescimento do Produto Social Bruto na URSS (1938-1975)

#### Documento 1

#### *Os gigantes\* do plano quinquenal* – cartaz de propaganda (1933)



#### Tradução:

«Os resultados do plano quinquenal mostram que a classe trabalhadora não só é capaz de destruir o velho como também é capaz de construir o novo».

Estaline

\* Barragem no rio Dniepre e complexos industriais de Magnitogorsk e de Stalinsk.

## Documento 2

### **A Guerra Fria, segundo G. Malenkov\* (1953)**

A União Soviética não tem pretensões territoriais em relação a nenhum país, inclusive a nenhum país vizinho. É princípio inviolável da nossa política exterior o respeito pela liberdade e pela soberania nacionais de qualquer país, grande ou pequeno. (Aplausos) [...]

Grande e inquebrantável amizade une a União Soviética à República Popular da China. (Tempestuosos aplausos) [...]

Amplia-se e fortalece-se, em todos os sentidos, a colaboração da União Soviética com a Polónia, a Checoslováquia, a Roménia, a Hungria, a Bulgária, a Albânia, a República Popular da Mongólia e a República Democrática Popular da Coreia. (Aplausos) [...]

Fortalecem-se as nossas relações amistosas com a República Democrática da Alemanha. [...]

Uma das vantagens decisivas do campo democrático e da sua diferença de princípios relativamente ao campo imperialista consiste em não ser ele dilacerado pelas contradições internas. [...]

É de todo evidente que, além das forças da paz, atuam no mundo forças que se ligaram demasiado à política do agravamento da situação internacional. Essas forças apostam na guerra – a paz não lhes convém. [...]

Os factos comprovam que a política de Guerra Fria [...] agrava artificialmente as relações entre os países. [...]

A União Soviética segue e seguirá invariavelmente uma política de paz. A União Soviética não tem o propósito de atacar quem quer que seja, e os desígnios agressivos são-lhe alheios. (Tempestuosos aplausos).

---

\* G. Malenkov – Presidente do Conselho de Ministros da URSS de 1953 a 1955.

## Documento 3

### **A Guerra Fria, segundo K. Adenauer\* (1953)**

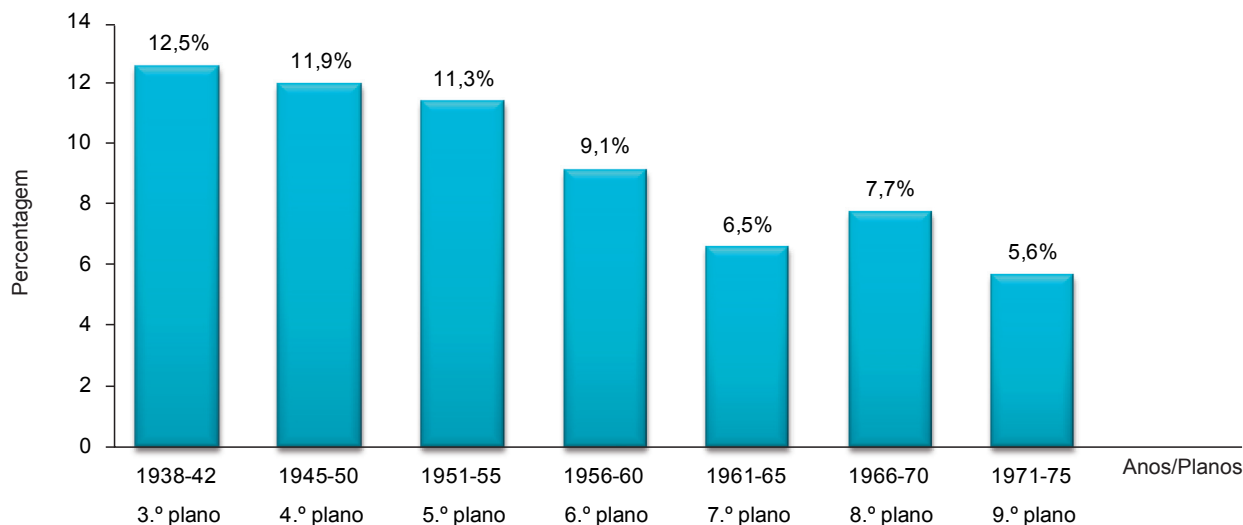
A União Soviética estende-se até ao coração da Europa; desde 1918, fortaleceu-se enormemente, a nível militar e a nível económico. Continua a expandir-se e, desde 1945, aumentou consideravelmente os territórios sob o seu domínio. Por meio da Guerra Fria procura aumentá-los ainda mais. A União Soviética nega a liberdade pessoal. A sua força assenta nos princípios da ditadura totalitária.

[...] Na República Federal da Alemanha, conhecemos plenamente os perigos que ameaçam a liberdade. [...] Estou convicto de que os Estados Unidos ajudarão a Europa a manter a sua defesa. Os perigos que a ameaçam a partir do leste são muito grandes.

---

\* K. Adenauer – Chanceler da RFA de 1949 a 1963.

**Crescimento do Produto Social Bruto\* na URSS (1938-1975)**  
(em volume anual ao longo de cada quinquénio)



\* Indicador que não tem em conta o valor acrescentado do sector terciário.

1. Identifique, com base no documento 1, três das características do modelo económico estalinista.
2. Compare as duas perspetivas acerca do papel político-militar da URSS no período da Guerra Fria, expressas nos documentos 2 e 3, quanto a três dos aspetos em que se opõem.
3. Desenvolva o seguinte tema:

*Opções e realizações da URSS, de Estaline a Brejnev.*

A sua resposta deve abordar, pela ordem que entender, três dos aspetos de cada um dos seguintes tópicos de referência:

- características político-ideológicas do regime;
- expansionismo soviético no mundo bipolar;
- economia soviética do segundo pós-guerra à década de 1970.

Deve integrar na resposta, além dos seus conhecimentos, os dados disponíveis nos documentos de 1 a 4.

---

Identificação das fontes

Doc. 1 – G. Brylov, in [www.iisg.nl](http://www.iisg.nl) (consultado em 07/01/2013) (adaptado)

Doc. 2 – G. Malenkov, Discurso ao Soviete Supremo, in [www.marxists.org](http://www.marxists.org) (consultado em 07/01/2013) (adaptado)

Doc. 3 – K. Adenauer, Discurso no Clube Nacional de Imprensa Alemã, in Fernando Martinez Rueda e Mikel Urquijo Goitia, *Materiales para la Historia del Mundo Actual – I*, Madrid, Ediciones Istmo, SA, 2006 (adaptado)

Doc. 4 – In Marc Nouschi, *O Século XX*, Lisboa, Instituto Piaget, 1996 (adaptado)

## GRUPO III

### PORTUGAL NA EUROPA E NO MUNDO: DO 25 DE ABRIL DE 1974 AO INÍCIO DO SÉCULO XXI

#### Discurso de Mário Soares – comemoração dos 20 anos da assinatura do Tratado de Adesão de Portugal à CEE (12 de junho de 2005)

1       Calculam, seguramente, o tropel de recordações que esta efeméride, que representou uma  
viragem decisiva na nossa história contemporânea, me provoca, desde o pedido da abertura  
de negociações com vista à adesão, que tive a honra de subscrever, como primeiro-ministro  
do I Governo Constitucional, após a Revolução dos Cravos, em março de 1977, até à sua  
5       conclusão, há vinte anos [...].

Os motivos que me levaram a requerer a adesão à CEE [...] não foram, ao contrário do  
que alguns ainda hoje julgam, essencialmente, económicos. Foram políticos e tiveram a ver  
com um grande desígnio para Portugal: a consolidação da democracia pluralista e civil, liberta  
há pouco tempo da tutela militar; e também o reconhecimento de que o *ciclo imperial* tinha  
10       terminado com a descolonização.

A adesão à CEE aparecia-nos, assim, como o contraponto necessário para a reinserção  
de Portugal no contexto da unidade europeia, a fim de participar, de pleno direito, do seu  
dinamismo e progresso. [...]

Assinado o Tratado de Adesão, a integração portuguesa na Europa dos Doze, incluindo  
já Portugal e Espanha, foi bastante mais fácil do que alguns economistas temiam. O choque  
europeu revelou-se benéfico. [...]

O Povo Português sabe o que deve à União Europeia. Um país significativamente atrasado,  
em relação à média da Europa Ocidental, oprimido por quase meio século de opressão e  
obscurantismo, isolado do resto do mundo, condenado pelas Nações Unidas e pela consciência  
20       universal, em função das guerras coloniais em que se deixara envolver, deu, com a adesão à  
CEE, um salto histórico no plano do desenvolvimento e da sua autoconfiança, instalando-se  
noutro patamar económico, sem paralelo com o anterior, num dos polos de maior progresso  
económico, científico e tecnológico do Mundo.

Foi esse salto espetacular – não o esqueçamos – que permitiu que Portugal recuperasse  
25       o seu prestígio na cena internacional e, inclusivamente, que pudesse começar a tecer, em  
condições de liberdade e de total igualdade, a teia de relações com os países africanos  
lusófonos, hoje todos países independentes, e também com o fraterno Brasil e o longínquo  
Timor-Leste, no quadro da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Porque, como  
sempre defendi, esses dois pilares essenciais da nossa política externa – a Europa e o  
30       relacionamento especial com os países de língua portuguesa – não são antagónicos, mas,  
bem pelo contrário, em absoluto, complementares.

Passaram vinte anos [...]. O mundo mudou radicalmente e Portugal também. Vivemos a  
grande alegria do reconhecimento da independência de Timor e da sua adesão voluntária, depois  
de 25 anos de ocupação indonésia, ao espaço da Lusofonia. Crescemos economicamente  
35       como em raros momentos da nossa história terá acontecido. [...] Passámos de um país  
de emigrantes a um país que recebe imigrantes: africanos lusófonos e outros, brasileiros,  
ucranianos, moldavos, etc. Contudo, nos últimos anos, não tem sido possível controlar o défice  
financeiro, como tem acontecido com grandes países da União, como a França e a Alemanha.

1. Identifique, com base no documento, três das características da política externa portuguesa que se afirmaram após o 25 de Abril.
2. Explique, a partir do documento, três dos aspetos em que o «choque europeu» se revelou «benéfico» para Portugal (linhas 15 e 16).

---

Identificação da fonte

*In* [www.fmssoares.pt](http://www.fmssoares.pt) (consultado em 21/01/2013) (adaptado)

**FIM**

## COTAÇÕES

### GRUPO I

1. ....	20 pontos	
2. ....	30 pontos	
		<hr/> 50 pontos

### GRUPO II

1. ....	20 pontos	
2. ....	30 pontos	
3. ....	50 pontos	
		<hr/> 100 pontos

### GRUPO III

1. ....	20 pontos	
2. ....	30 pontos	
		<hr/> 50 pontos

		<hr/>
TOTAL .....	200 pontos	